

JASPERS, Karl. **Filosofia de la existencia**. Trad. y prólogo de Luis Rodriguez Aranda, Madrid, Aguilar, 1961. 155 p.

José Mauricio de Carvalho (Dr.)
josemauriciodecarvalho@gmail.com
Professor IPTAN/FAPEMIG/FUNADESP
ORCID 0000-0002-3534-5338

Thais Caroline Reis de Ávila
thais.carollyne@gmail.com
PIBIC/IPTAN/FAPEMIG

Larisa Ellen Silva e Silva
larisa_ellen@hotmail.com
PIBIC/IPTAN/FAPEMIG

Este livro de Jaspers reúne três conferências que o autor pronunciou na Academia Alemã, em Frankfurt, no ano de 1937. As questões abordadas foram: o ser, a verdade e a realidade, temas aos quais dedicou profunda análise em outros trabalhos. Portanto esse livro revela aspectos fundamentais de sua meditação e desenvolve problemas tradicionais da Filosofia: *Mundo, espírito e Deus*. O livro tem adicionalmente uma importância histórica, registra seu último trabalho antes de ser afastado pelos nazistas da cátedra da Universidade de Heidelberg, cátedra que retomou somente no final da Segunda Grande Guerra, em 1945. Em 1948, transferiu-se dali para a Universidade da Basileia.

As conferências permaneceram intocadas por quase duas décadas quando, em 1956, o filósofo preparou uma segunda edição que foi a base da publicação espanhola da Aguillar, de 1961, que se utiliza nessa resenha. Na ocasião Jaspers acrescentou um pós-fácio, mas não alterou o texto. O livro mereceu, mais tarde, uma edição brasileira, da Imago, de 1973, há muito esgotada. Esse vazio temporal, sem novas edições, justifica chamar atenção para o texto, agora com o reconhecimento de que Karl Jaspers foi um dos maiores representantes do existencialismo alemão. Como reveladora do pensamento de Jaspers, *Filosofia de la existencia* sistematiza e aprofunda parte importante do livro *De la verdad*, obra de mais de mil páginas que ele escreveu sobre lógica filosófica. No livro resenhado Jaspers explica o que entende por Filosofia da existência, considerando-a não propriamente uma escola filosófica, mas uma forma de fazer a mesma filosofia de sempre. Assim, as conferências retomam questões da tradição filosófica, sem consciência, no momento da elaboração, de que se estava diante de uma nova maneira de pensar a Filosofia.

A primeira conferência trata do ser, isto é, do ser enquanto realidade da consciência. Nesse sentido, ele explica, a representação do ser que surge na consciência não é o ser mesmo. Ele diz (p. 43): "nenhum ser conhecido é o próprio ser". Todo esforço de compreensão da realidade funciona como um retroceder em direção a ele, pois ser mesmo é anterior a objetivação pela consciência. Jaspers usa o termo englobante para explicar isso. Ele diz que o ser é maior que o objeto que o representa na

consciência. Eis como o diz (p. 44): "o englobante é o que sempre se anuncia nos objetos presentes e no horizonte, porém nunca se torna objeto". O englobante se mostra de três modos diferentes: como historicidade (mundo), como existência (vida concreta) e consciência em geral. O mundo, por exemplo, nunca é objeto para nós, tudo o que conhecemos está no mundo, mas não é o mundo. O englobante também se mostra na consciência (mundo que sou eu), mas o eu é mais que consciência, pois sou um existente situado e concretamente vivendo no mundo. O ser que aparece na consciência é o estudado pela ontologia clássica, mas a ontologia em nossos dias é regional devido a não poder ser reduzida a um único de seus elementos: a materialidade ou o espírito. O homem participa dessa realidade, pois é matéria, vida, consciência e espírito, mas nenhuma descrição do homem pode partir desses estratos e tratar o homem como existente. Jaspers explica (p. 51): "nenhuma antropologia descobre o que é realmente o existente vivente". Como nenhum conhecimento é do ser em si. Pode-se, contudo, admitir um salto para o ser quando o problema é a liberdade, sem ela se anula a abertura a transcendência que é essencial para falar do homem, já que ele não se limita aos estratos que o formam: matéria, vida, consciência e espírito. Na experiência que faz de si mesmo, o homem se descobre um nada, no sentido de que não está pronto. Ele se tornará o que escolheu ser, mas ele não é apenas um meio para se tornar algo, ele pode realizar aquilo que lhe surge como original ou englobante. Essa abertura para a transcendência dispõe o homem ao amor e o mostra como fim em si mesmo.

A segunda conferência trata da verdade. Dela diz Jaspers (p. 63): "tem um encanto incomparável. Parece prometer o que verdadeiramente nos aproxima dela". A verdade é, contudo, o tema controverso, há coisas que pessoas admitem como verdade e outras não entendem assim e essa discordância parece motivo para dizer que a verdade não existe. Um exame do assunto pede que seja feito um aprofundamento para se entender o que é a verdade e (p. 66): "a questão do ser verdade é um dos mais graves problemas da Filosofia". Um exame lógico do sentido das proposições mostra que o pensamento lógico tem verdades que se esgotam em si mesmo. Há um outro tipo de verdade que se refere aos juízos claros sobre o mundo e remetem a consciência em geral, essas são as verdades da ciência. Porém, as verdades que são essenciais para nossa vida começam onde se esgotam as verdades da consciência em geral. É preciso perceber essa multiplicidade de modos da verdade: do existente, do espírito e da existência. Portanto, além dos dois tipos iniciais de verdade temos as verdades da existência. Para o existente concreto verdade é o que é útil, conveniente e falso o que lhe traz prejuízo. Esse é o conceito de verdade do pragmatismo, ele tem a ver com utilidade. A verdade do espírito (p. 69): "se afirma mediante o pertencer a uma totalidade que se esclarece e se limita a si própria". O espírito segue a noção de totalidade, verdadeiro é o que leva a ela. Em resumo, a existência se mostra desses três modos (p. 70): "enquanto consciência em geral pensamos o apoditicamente exato, enquanto somos existentes, o útil e o danoso; enquanto somos espírito, o que gera totalidade". Em outras palavras, enquanto existente o indivíduo defende interesses com vistas a um fim pessoal, como consciência geral busca a validade exata e conclusiva, como espírito busca saber a totalidade. Cada um desses modos de verdade tem algo que

a limita, ou melhor, (p. 73): "em cada um surge ao fim uma insuficiência específica que se abre a uma verdade mais profunda". Examinando cada modo da verdade não chegaremos à verdade mesma se consideramos isoladamente cada uma, pois a verdade completa está na manifestação conjunta. Apesar disso essas verdades, se tomadas como um caminho podem apontar para a verdade mesmo, podem lançar luzes sobre ela. As visões da verdade, que mostram uma verdade no tempo, apontam a verdade universal. Eis o limite das teorias filosóficas, elas são construções históricas que bordejam a verdade. Logo (p. 81): "não é possível examiná-la de fato em sua totalidade, nem distingui-la objetivamente, nem usá-la como princípio de demonstração". Essas construções parciais da verdade são autoridades, isto é, verdades que (p. 82): "nos aparecem em sua forma histórica como universal e total" e assim, como autoridade, elas nos salvam na medida em que são saber em geral, explicação externa e ideia do todo, tudo ao mesmo tempo.

A verdade da autoridade vive em tensão, porque a todo momento pode perder a legitimidade. Além disso, o indivíduo vive em tensão com ela, pois aprendendo-a como verdade, somente a acolhe como própria se livremente pensá-la como tal. E nessa trajetória sente que muitas vezes se engana e sente errar no caminho que é só seu, nunca chegando a ser um homem total ou possuidor da verdade completa. A autoridade que se mostra remete à verdade eterna, mas só isso (p. 85): "a autoridade em seu sentido íntimo, é a transcendência que se mostra mediante seu ser si mesmo". Por isso todo saber sobre o mundo, que se apresenta como verdade definitiva, se degenera. A verdade alcançada que se mostra como autoridade, mostra-se como verdade de certo tempo. Essas formulações não podem ser repetidas, é preciso construir novas formas, mas a verdade mesma vai se revelando em cada momento, permitindo um breve olhar para ela, até novamente se ocultar. Esse caminho para a verdade é a razão e (p. 92) "a tarefa da Filosofia, agora e sempre, consiste em desenvolver, e saber, que é a razão". Daí se percebe que a verdade mesma não é uma fórmula posta porque a verdade postulada é construção histórica. Também isso explica porque a ciência não chega a essa verdade, embora (p. 94), "a força unificadora da razão atue nas ciências como impulso que vai além dos limites dela". A razão leva além desses limites históricos como força que transcende a história em direção ao eterno. Ela revela as lutas e conflitos desse processo e nunca para, pois está sempre em movimento. Ela se mostra nas construções dos grandes filósofos, o que nos leva à considerar a Filosofia (p. 100): "através dos milênios, como um hino único à razão". Então a tarefa do filósofo é (p. 101): "refletir sobre sua própria essência e avançar continuamente para divisar a realidade e torná-la real para si mesmo".

O que foi dito nos coloca diante da realidade e de saber o que ela é. Esse é o tema da terceira conferência (p. 105): "a pergunta final do filosofar é sobre a realidade mesma". A pergunta sobre a realidade conduz ao que existe. O que existe inicialmente é a natureza, dela podemos ter uma representação fenomênica subjetivamente realizada e não um conhecimento do que transcende a objetivação. Essa representação variou na

história, a natureza já foi considerada como espaço independente da consciência que o pensa e, mais tarde, como partículas atômicas em movimento. Atualmente (p. 107): "a realidade física somente se pode compreender em fórmulas matemáticas". Quanto a saber o que é o homem em geral isso nos revelam as ciências sociais, psicológicas, econômicas, políticas, etc. Finalmente, a realidade de nossa existência singular, o que somos verdadeiramente como existentes únicos, é algo que podemos ir descobrindo num processo inconcluso até a morte. O conhecimento da realidade passa pelo conhecimento dos seus modos de manifestação e esse conhecimento distingue o que é a realidade mesma de sua representação (p. 111): "o pensar não pode alcançar a realidade em si mesma". O ser em si existe como tal diante do que dele pensamos e Jaspers repete Schelling ao dizer (p. 112): "o infinito existente existe precisamente porque é tal, posto também seguramente contra o pensar e contra toda dúvida". Porém, esse real eterno está fora de nossa capacidade de representação que somente formula uma visão histórica do eterno. Desse entendimento resultam três consequências: 1. o homem é uma parte pequena desse universo; 2. a história do homem não se mostra nem como finalidade, nem tem prazos fixos de realização e 3. (p. 116): "a realidade do mundo não chega a ser totalidade com a qual o homem possa se identificar e chegar a ser verdadeiramente real". Portanto, o homem é histórico e somente como tal pode se deparar com o verdadeiro ser. O conhecimento que ele tem do mundo é fragmentado, isto é, (p. 118): "o mundo em sua totalidade não é para o homem uma unidade exatamente construída no sentido de uma definitiva subsistência e duração da existência". A unidade do mundo está na transcendência, ou transcende a capacidade humana. Dessas três afirmações cinco conclusões são possíveis: 1. a investigação sobre a realidade aponta para a transcendência, 2. o pensar filosófico sobre a realidade é resultado de categorias da consciência, 3. toda aparição da verdade perfeita é inadequada, 4. a vida do existente interfere na percepção da realidade e, por último, 5. o homem permanece insatisfeito enquanto busca essa realidade.

Deve-se ter presente que as teorias filosóficas são modos de captar o real e levar à transcendência, o que é feito de dois modos: 1. saber se o mundo se limita ao que é ou se a transcendência deve ser considerada na investigação; 2. saber se devo negar o mundo em si, realizando-me unicamente neste ou abrindo-me ao transcendente que nele se anuncia. Temos, segundo Jaspers, três formas de discutir a transcendência: 1. a realidade enquanto aparece para nós deve poder ser expressa de alguma forma. Ela aparece sob a forma de mito, onde a totalidade se apresenta de forma não conceitual. Então o ser se revela como cifra, que é uma representação sensível do que não é. 2. A realidade que aparece historicamente parece ser definitiva, nesse caso excluem-se todos os homens que não a perceberam como tal e os movimentos da razão deixam de ser considerados. 3. Acredita-se que o uno se revela, nesse caso é como se um único caminho esgotasse a verdade. Essa unidade se mostra numa Igreja, santa e única, da qual todos devem participar.

Adverta-se que a verdade da religião não se pode vir da Filosofia. Isso significa que a fé filosófica é diferente da religiosa, ficando a primeira apenas com a transcendência, mas não com um caminho único até ela. Nesse sentido, a Filosofia não é

ameaça para a Religião e sua verdade, porque falamos de muitos caminhos até a realidade fundamental. Nos últimos séculos o enfraquecimento da religião transformou a sociedade e suas buscas. Sem ela a transcendência, como realidade palpável, perdeu força. De algum modo, Ciência e Filosofia contribuíram para isso ocorrer ao transformar a realidade numa objetividade trivial. Mas não é preciso que seja assim, diz o filósofo (p. 144): "saber cientificamente quer dizer conhecer o limite do saber em geral, quer dizer estar filosoficamente junto à ciência". Sem consciência desses limites a ciência se torna uma superstição e, por outro lado, (id.): "a filosofia verdadeira, dona dessas possibilidades, é essencialmente concentradora, na qual o homem se torna ele mesmo enquanto partícipe da realidade". A tarefa da Filosofia não termina nunca e apesar de difícil é o que a faz ilustre e imprescindível.

O tema dessas conferências é apresentar o desafio de viver para e pela verdade, a verdade que se mostra diversamente para existente concreto, para o cientista e para o filósofo. Jaspers mostra como se completam as formulações da verdade a que se chega em cada tempo. Ele pretende ainda revelar o inequívoco compromisso de cada pessoa com a verdade e a missão da razão de persegui-la continua e inconclusivamente que, ainda que seja tarefa muito difícil, a torna nobre. Em sua análise dessas questões, como médico e filósofo, Jaspers avalia o papel da Ciência e da Filosofia para o homem mostrando como elas podem abrir o caminho para a verdade ou fechá-lo. Jaspers utiliza da fenomenologia para tratar da realidade, como forma de se referir ao que existe para a consciência e não como realidade em si à parte da consciência que a pensa. Jaspers pensa a Filosofia além da aparência que ela tem de ser ciência devido aos seus constitutivos externos: conferências, aulas e cursos universitários. Além disso, a missão de pensar a ciência moderna, que havia se consolidado desde o século XVIII, exigia revisão. Esse livro, ao procurar um novo lugar para a Filosofia, seguiu a intuição fundamental de Edmund Husserl proposta em *A crise da humanidade europeia e a filosofia*, descobrir uma nova razão para filosofar, diferente de pensar as ciências já que a própria ciência mergulhara numa crise de paradigmas. Então, ao mesmo tempo em que as ciências pediam uma revisão de seus paradigmas, da Filosofia procurava encontrar seu rumo e valor. O desencanto com a ciência pode ser observado no dogmatismo que cegara a Medicina (p. 30):

Se chegou a colocar em dúvida, na psiquiatria, por exemplo, o dogma do século XIX: *as enfermidades mentais são enfermidades do cérebro*, nesse sentido, a difusão do saber fático, iludindo o perigo de uma quase fabulosa construção dos transtornos mentais baseada em alterações cerebrais não conhecidas, levou a cabo o abandono de dogmas opressores.

Assim, ao mesmo tempo que se obrigou a entender a contribuição das ciências como orientadora da vida, obrigou-se a pensar os seus limites: ela não fornece o conhecimento do ser, não oferece um objetivo para a vida e não responde a indagação sobre seu sentido.

RECEBIBO 05/09/2017

APROVADO 15/10/2017

PUBLICADO 31/10/2017

Editor Responsável: Carla Caldas

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN: 2316-8080

DOI:10.16928